

WM. PAUL YOUNG

A TRAVESSIA

Tradução de Luís Miguel Coutinho

*Esta história é dedicada aos nossos netos,
cada um deles um reflexo único dos pais;
cada um o seu próprio universo inexplorado.*

*Trazem-nos alegrias e surpresas, enchendo completa e perenemente
os nossos corações e as nossas vidas.*

*Que um dia, quando a lerem, esta história seja uma pequena janela,
através da qual compreenderão melhor o vosso avô,
o vosso Deus e o vosso mundo.*

1

Uma confluência de tempestades

*O mais lamentável dos homens
é aquele que transforma os seus sonhos em ouro e prata.*

Khalil Gibran

Em Portland, no Oregão, há anos em que o inverno é um verdadeiro rufia, cospe fiapos brancos e lança neve enquanto rouba dias à primavera, reivindicando assim uma espécie de direito arcaico a ser o rei das estações do ano. No fundo, é o esforço vão de mais um fingidor. Porém, não foi assim naquele ano. Naquele ano, o inverno limitou-se a retirar-se como uma mulher escorraçada, afastando-se cabisbaixo, com as suas vestes de farrapos brancos-sujos e acastanhados, quase sem um queixume ou a promessa de voltar. A diferença entre a sua presença e a sua ausência mal se notou.

A Anthony Spencer tanto lhe fazia. Considerava o inverno uma maçada e a primavera não era muito melhor. Se pudesse, eliminaria ambas as estações do calendário, juntamente com a época húmida e chuvosa do outono. Um ano com apenas cinco meses seria quase perfeito. Os anos ficariam, sem dúvida, melhores sem os persistentes períodos de incerteza. A cada nesga de primavera perguntava a si mesmo por que motivo permanecia no Noroeste, mas todos os anos fazia a mesma pergunta a si próprio. Talvez a dececionante rotina tivesse, afinal, o seu conforto. A noção de uma mudança real

intimidava-o. Quanto mais se apegava aos seus hábitos e a tudo o que lhe transmitia segurança, menos inclinado se sentia a acreditar que alguma outra coisa pudesse valer o seu esforço. Embora por vezes dolorosas, as suas rotinas eram, pelo menos, previsíveis.

Recostou-se na cadeira e ergueu o olhar da desordem dos papéis espalhados pela secretária para o ecrã do computador. Sempre que premia uma tecla uma imagem nova surgia no monitor: o apartamento que possuía no edifício adjacente àquele em que se encontrava; o seu escritório central, estrategicamente situado na baixa de Portland, a meia altura de um edifício de escritórios tipo arranha-céus de tamanho médio; o seu refúgio junto à costa; e a casa maior, que tinha em West Hills. Num reflexo nervoso, batia com o dedo indicador no joelho enquanto ia observando o ecrã. Tudo estava tranquilo, como se o mundo sustivesse a respiração. Existem muitas formas de se estar só.

Embora as pessoas que se cruzavam com ele em situações profissionais ou sociais pudessem pensar o contrário, Tony não era um homem alegre, apenas uma pessoa determinada e sempre em busca de qualquer situação de que pudesse tirar vantagem. Muitas vezes, isto implicava uma aparência sociável e gregária, sorrisos rasgados, olhar as outras pessoas nos olhos e apertar-lhes a mão com firmeza, não porque tivesse pelos outros uma verdadeira consideração, mas porque toda a gente podia ter informações que poderiam vir a revelar-se valiosas para o seu sucesso profissional. As muitas perguntas que fazia envolviam-no numa aura de interesse genuíno, levando os outros a pensar que os considerava importantes, mas deixando-os também com uma sensação de vazio duradoura. Era conhecido pelos seus atos filantrópicos, mas para si a compaixão era um meio para atingir objetivos que considerava mais importantes. Através da caridade as pessoas eram mais fáceis de manipular... Após algumas tentativas, concluiu que, independentemente do grau, as amizades eram um mau investimento, pois geravam muito pouco retorno. A preocupação genuína com os outros era um inconveniente e um luxo para o qual não tinha tempo nem energia.

Para ele, o sucesso traduzia-se na gestão e desenvolvimento de imóveis, na diversificação dos seus negócios e no aumento da sua

carteira de investimentos, áreas em que era respeitado e visto como um homem de negócios exímio e implacável. Para Tony, a felicidade era um sentimento ridículo e transitório, uma mera fragrância, quando comparada com o odor forte de um potencial negócio e com o sabor viciante da vitória. Tal como o velho Scrooge¹, sentia prazer em despojar quantos o rodeavam dos últimos vestígios de dignidade, sobretudo os empregados, que trabalhavam arduamente por medo, ainda que não sentissem respeito nenhum pelo patrão. De facto, um homem destes não merece amor nem compaixão.

Quando sorria, quase se poderia ver nele um homem atraente, pois a genética dotara-o de um corpo com mais de um metro e oitenta de altura e de um cabelo farto que, mesmo aos quarenta e tal anos de idade, não dava mostras de querer abandoná-lo, apesar de alguns honoráveis cabelos brancos começarem a salpicar-lhe as têmporas. De origem anglo-saxónica evidente, havia nele algo de mais obscuro e subtil que lhe suavizava as feições e se notava sobretudo nos raros momentos em que algum riso afetado ou deslocado o levava a abandonar o seu habitual comportamento profissional.

Para a maior parte das pessoas, era um homem rico, bem-sucedido e um bom partido. Era algo mulherengo e exercitava-se o suficiente para se manter em forma, apresentando apenas uma barriga que mal se notava e que podia ser convenientemente encolhida. As mulheres entravam e saíam da sua vida, com as mais perspicazes abandonando-o mais rapidamente e todas terminando a experiência com a autoestima afetada.

Casara-se duas vezes, com a mesma mulher. Da primeira união, que ocorreu quando ambos tinham vinte e poucos anos de idade, nasceram um filho e uma filha, sendo que a rapariga é, atualmente, uma jovem mulher revoltada que vive no outro lado do país, perto da mãe. Quanto ao rapaz, a história foi diferente. Aquele casamento terminou num divórcio por diferendos irreconciliáveis, uma história que poderia considerar-se o exemplo perfeito de desafeição deliberada e de uma rude falta de consideração. Em poucos anos,

¹ Trata-se do avarento Ebenezer Scrooge, protagonista de *Um Conto de Natal* (1843), de Charles Dickens. (N. do T.).

Tony conseguiu reduzir a autoestima de Loree a migalhas quase invisíveis.

Mas o problema foi que ela saiu calmamente da sua vida e isso não podia considerar-se uma verdadeira vitória. Como tal, Tony passou os dois anos seguintes a cortejá-la novamente e, depois disso, proporcionou-lhe uma magnífica segunda boda, para, duas semanas volvidas, lhe apresentar os documentos do segundo divórcio. Correu o rumor de que estes papéis tinham sido preparados antes mesmo de o casal ter assinado as segundas certidões de casamento. Contudo, desta vez Loree virou-se contra ele com toda a fúria das mulheres despeitadas e ele esmagou-a psicológica, legal e financeiramente. Esta já podia ser considerada uma vitória digna desse nome! Fora um jogo cruel, mas só para ele.

O preço que pagou foi ter perdido a filha naquele processo, algo que se erguia como um espectro nos vapores do excesso de uísque, uma insignificante perturbação que depressa podia ser enterrada sob a azáfama do trabalho e das vitórias. Porém, o filho do casal foi um forte pretexto para o consumo daquela bebida espirituosa – «medicamento de venda livre» que suavizava os gumes mais ásperos da memória e do arrependimento e lhe atenuava as dolorosas enxaquecas que se tinham tornado suas companheiras ocasionais.

Se a liberdade é um processo progressivo, o avanço do mal também o é. Com o tempo, os pequenos ajustes da verdade e as justificações menores vão formando um edifício cuja forma e dimensões finais ninguém pode prever. E isto é válido para qualquer Hitler, Estaline ou pessoa comum. O interior da alma é uma mansão magnífica, mas frágil. Quaisquer traições ou mentiras incrustadas nas suas paredes e fundações fazem com que a construção siga rumos imprevistos.

Todas as almas humanas, incluindo a de Anthony Spencer, são mistérios profundos. Tony nasceu de uma explosão de vida, de um universo interior em expansão que reuniu todas as suas galáxias e sistemas solares internos com uma elegância e uma simetria inimagináveis. Nisto, até o caos teve a sua importância e a ordem surgiu como um subproduto. Nesta dança de forças gravitacionais opostas, entraram também planetas substanciais, cada um com a sua

própria rotação, fazendo girar os participantes nesta valsa cósmica e espalhando-os, num intercâmbio constante de espaço, tempo e música. Mas nesta caminhada surgiram a dor e a perda, com o seu peso esmagador, fazendo com que este universo interior perdesse a sua estrutura profundamente delicada e começasse a desmoronar-se. À superfície, esta deterioração encrespou-se numa atitude de autoproteção perante o medo, de ambição egoísta e de endurecimento de tudo o que era frágil. O que fora, outrora, uma entidade viva, um coração, transformou-se numa pedra. Já só uma pequena pedra dura habitava a casca, a carapaça do corpo. Outrora, a forma fora um reflexo da magnificência e das maravilhas interiores; agora, tinha de prosseguir sem apoio, como uma fachada em busca de um coração, uma estrela em fim de vida voraz no seu próprio vazio.

A dor, a perda e, por fim, a desistência são, cada uma por si, capatazes implacáveis, mas juntas causam uma desolação quase insuportável. Foram elas que blindaram a existência de Tony, conferindo-lhe a capacidade de esconder lâminas nas palavras e de erigir muralhas que protegiam o seu íntimo de qualquer aproximação, mantendo-o trancado numa segurança imaginária, enquanto permanecia isolado e solitário. Agora, praticamente não existia música na sua vida... Não mais do que uns resquícios de criatividade que mal se ouviam. A banda sonora da sua existência nem se podia considerar música ambiente, como as monótonas melodias que acompanhavam as suas rotineiras viagens de elevador.

As pessoas que o reconheciam na rua cumprimentavam-no com um aceno de cabeça. As mais perspicazes cuspiam o seu desdém nos passeios depois de passarem por ele, mas muitas outras eram enganadas. Delatores servis aguardavam as suas próximas ordens, tentando desesperadamente obter uma simples aprovação ou um gesto de afeição minimamente perceptível. Na esteira de alegados sucessos, outros são arrastados pela necessidade de assegurarem a sua importância e os seus próprios planos. A percepção é realidade, ainda que esta perspectiva seja falsa.

Tony possuía uma casa grande, com muitos metros quadrados, na zona norte de West Hills e, exceto quando organizava festas com o objetivo de delas tirar algum proveito, mantinha apenas

uma pequena parte da casa aquecida. Embora raramente lá ficasse, mantinha a casa como monumento à vitória sobre a sua ex-mulher. Loree ficara com o imóvel na sequência do acordo do primeiro divórcio, mas tivera de o vender para pagar as despesas legais crescentes da segunda separação. Por meio de interposta pessoa, Tony acabou por readquirir a casa por meia dúzia de tostões, dando-se ao requinte de mandar expulsar a sua aturdida ex-mulher no próprio dia da venda, com escolta policial.

Voltou a inclinar-se para a frente, desligou o computador, pegou no copo de uísque e rodou a cadeira para olhar para a lista de nomes que tinha escrito num quadro branco. Em seguida, levantou-se, apagou quatro nomes e acrescentou um, depois, tornou a deixar-se cair sobre a cadeira, tamborilando de novo com os dedos sobre o tampo da secretária. Estava mais mal-humorado do que habitualmente, pois os negócios tinham-no obrigado a assistir a uma conferência pouco interessante em Boston. Depois, um problema menor relacionado com a gestão do pessoal fizera-o voltar um dia antes do planeado. Se, por um lado, o irritava ter de lidar com uma situação que facilmente poderia ter sido resolvida pelos seus subordinados, por outro, sentia-se grato por ter tido uma desculpa para se afastar dos quase insuportáveis seminários e voltar à sua quase aborrecida rotina, sobre a qual tinha um maior controlo.

Porém, algo mudara. O que começara como uma quase impercetível inquietação, transformara-se numa voz consciente. Durante algumas semanas, tivera a sensação incómoda de estar a ser seguido. Inicialmente, deu-lhe pouca importância, atribuindo-a ao *stress* excessivo, à imaginação da sua mente exausta. Mas, uma vez firmemente implantado, aquele pensamento encontrou terreno fértil e o que começou como uma semente que facilmente poderia ter sido varrida por uma reflexão mais profunda acabou por criar raízes que depressa assumiram a forma de uma hipervigilância nervosa, sugando ainda mais energia de uma mente, já de si, constantemente alerta.

Começou a reparar em detalhes de questões de menor importância que, individualmente considerados, mal atrairiam a sua atenção. Porém, juntos, transformaram-se num coro de avisos na sua